

# Os EUA se tornaram ingovernáveis?

**Com a inédita destituição do presidente da Câmara dos Deputados, o republicano Kevin McCarthy, Washington vem se superando nos sinais de que o país vive uma séria crise de governabilidade**

**Por Humberto Saccomandi**

Jornalista, editor de Internacional do Valor de 2000 até abril de 2023. Trabalhou na Folha de S.Paulo, como correspondente em Londres e editor-adjunto de Mundo

**Valor, 04/10/2023**

---

É possível que a maior potência do planeta, os EUA, tenha se tornado (ou esteja se tornando) ingovernável? Só o fato de essa questão parecer plausível já deveria ser assustador. Mas Washington vem se superando nos sinais de que o país vive uma séria crise de governabilidade.

O fato mais recente é, obviamente, a destituição inédita na terça-feira (03) do presidente da Câmara dos Deputados, o republicano Kevin McCarthy. Ele foi derrubado por uma rebelião de apenas oito deputados extremistas republicanos, que o acusam de não ter mantido uma promessa de bloquear fundos para o governo do presidente democrata, Joe Biden.

A destituição de McCarthy se deve assim a uma quase “guerra civil” dentro do Partido Republicano, que precede o ex-presidente Donald Trump, mas que tem sido fomentada por ele, que se tornou o líder de crescentes facções intolerantes.

O resultado imediato é que os trabalhos legislativos na Câmara ficarão suspensos até que um novo líder seja aprovado, o que pode demorar semanas.

Mas a sinalização estrutural é que é cada vez mais difícil governar os EUA. Isso possivelmente preocupa muito os aliados americanos, que terão de lidar com constantes reviravoltas nas políticas americanas e com um líder mais fraco. E deve estar sendo visto como uma oportunidade estratégica por adversários dos EUA, como Rússia, China e Irã, que se sentirão mais à vontade para desafiar o poderio americano.

Ao longo da história política dos EUA era comum que políticos republicanos e democratas tivessem posições políticas parecidas em vários assuntos. Durante décadas a bancada democrata dos Estados do Sul dos EUA foi fortemente conservadora em termos de direitos civis. E eram comuns os “republicanos Rockefeller” (numa referência ao ex-governador de Nova York Nelson Rockefeller, um bilionário democrata), que tinham posições de moderadas a liberais em várias questões sociais.

Já há mais de duas décadas, porém, vem ocorrendo um processo de polarização. O Partido Republicano vem se tornando mais conservador, e o Partido Democrata, mas liberal nesses

temas sociais. Encontrar pontos de convergência, o que marcou a democracia americana por muito tempo, foi se tornando cada vez mais difícil.

Uma medida dessa polarização é justamente o bloqueio pelo Congresso de verbas para financiar o governo, o chamado “shutdown”, que pode levar ao fechamento de quase todos os serviços públicos federais. Normalmente um partido, que controla uma das casas do Congresso, tenta com isso impor sua agenda a um presidente de outro partido.

O conceito de shutdown começou na década de 1980, mas era incipiente nos primeiros anos. Desde 1990, passou a se tornar mais frequente, mais abrangente e mais prolongado. Bill Clinton enfrentou um shutdown de 21 dias; Barack Obama, de 16 dias; Trump, de 35 dias (nesse caso, foi o presidente que se recusou a assinar o financiamento aprovado pelo seu próprio partido). Desta vez, os deputados republicanos mais extremistas queriam que McCarthy iniciasse um shutdown contra Biden, a não ser que o presidente aceitasse um inaceitável pacote de corte de gastos públicos. Na última hora, McCarthy colocou em votação e aprovou um projeto que estendia o financiamento ao governo até meados de novembro.

Isso irritou esse pequeno grupo de deputados favoráveis ao shutdown (que não tinha amplo apoio nem dentro do Partido Republicano). Um deles pediu a remoção de McCarthy da Presidência da Câmara. Com o apoio dos democratas (por motivos ainda não totalmente claros), a destituição passou por 216 votos a 210, com o voto dos oito republicanos, todos ligados a Trump.

O caso indica o racha profundo dentro do Partido Republicano, entre as facções mais próximas de Trump e as alas mais tradicionais.

O filósofo político italiano Norberto Bobbio definiu a democracia como “conjunto de regras de procedimento para a formação de decisões coletivas, em que está prevista e facilitada a participação mais ampla possível dos interessados”. Essas regras estão cada vez mais disfuncionais nos EUA.

Para Bobbio, a política ocidental é marcada pelo confronto incessante entre direita e esquerda. Mas, para a tomada de decisões, especialmente em situações em que nenhuma força política tem maioria, é preciso chegar a compromissos, a consensos. É justamente esse ponto que está emperrando a governabilidade americana: a dificuldade crescente de chegar a compromissos.

O compromisso pressupõe a legitimidade dos participantes, mas o discurso político americano (e não só nos EUA) tem cada vez mais buscado excluir o outro lado. Trump até hoje repete as acusações não provadas de que a eleição de Biden foi fraudada, numa evidente tentativa de deslegitimar o democrata. Como fazer acordos com alguém que detém o poder de modo supostamente ilegítimo?

O próprio McCarthy ontem repetiu que as políticas de Biden estão destruindo os EUA. Como fazer acordos com alguém que está supostamente destruindo o seu país?

O deputado que propôs a destituição de McCarthy o chamou ontem de representante do “pântano”, que é como Trump costuma se referir ao meio político de Washington. Como chegar a um compromisso com o pântano?

Durante a campanha presidencial de 2008, o então candidato republicano, John McCain, ouviu de uma simpatizante, num comício, que ela não conseguia confiar no então candidato democrata Barack Obama, a quem chamou de “um árabe”, repetindo uma “fake news” de que Obama teria nascido fora dos EUA (e não poderia ser candidato).

McCain então defendeu seu adversário. “Não, senhora. Ele é um homem decente de família, de quem eu apenas discordo em questões fundamentais, e essa campanha [eleitoral] é sobre isso”, disse, recebendo algumas vaias. Ele acabou perdendo a eleição para Obama, possivelmente mais por causa da crise financeira daquele ano do que da cortesia com o adversário.

Esse tipo de cortesia parece quase impossível hoje em Washington. Republicanos que se alinham em alguma questão aos democratas são chamados por Trump de “rino” (abreviação de “republicans in name only”, isto é, republicanos só no nome). Isso equivale a quase uma sentença de morte política.

Não está claro onde esse processo de polarização política vai dar nos EUA. Mas os precedentes são perigosos. A percepção de que as regras democráticas, as regras do jogo de Bobbio, não estão mais servindo aos interesses da sociedade, mas estão apenas gerando caos e paralisia, traz um risco enorme para a democracia.

É isso que os oito deputados republicanos rebeldes semearam: caos e paralisia.